

POEMA

REY
CLI 0265
SIST. 5931

03a0049-49 (02)

1. Reinaldo Moura
2. Meio de Semana
3. Correio do Povo
4. Crônica sobre Antonio Feliciano de Castilho
5. Porto Alegre
6. 6 de outubro de 1949
7. nº 5
8. Seção - Arte e Literatura
9. bom
10. Amélia Ester
11. 28 de abril de 1994

MEIO DE SEMANA

(Especial para o "Correio do Povo")

Reinaldo Moura

Não são muitos os autores, sem dúvida. E naturalmente quem principia não vai logo mergulhar naquelas páginas do velho Claudel. Há um clássico ao menos para a citação. Boileau. Mas é para os franceses. Nas linhas gerais, na estrutura, no espírito que guia o poema enquanto está no estaleiro, bem. Há sempre o que aprender. Mas nós também temos o nosso clássico da língua, o que estudou primeiro como nascem os versos e como as sílabas devem ser contadas. Temos um nome que todo mundo conhece: Antonio Feliciano de Castilho.

O trato das letras, principalmente para os poetas, traz as desvantagens menos a da catarsis pessoal. Mas isto já é outro assunto... Meu desejo é mostrar como já naquele tempo tranquilo do velho Antonio Feliciano, o mundo não era melhor para estes decifradores de palavras cruzadas

que são os rimadores e metrificadores. Vejam o que diz Castilho.

"Se bem soubera alguém, como eu sei, aabundancia de dissabores, e a pouquidade de gostos verdadeiros, que o poetar, e em geral, o tratar letras, me tem acarretado, por muito santa alma e honrada lingua que ele fosse, temo que me haveria por uma especie de setario do diabo, que por estar penando sem remedio procura atrair para o seu inferno os espiritos ainda não perdidos. Eu porem, em boa e leal verdade não prego a ninguem que seja poeta ou literato por vida em Portugal; de certo não; o que faço, e o que procuro fazer, é dar a mão aos imberbes, às senhoritas, e ainda a algum pacadoração caleijado que já tem com o demonio da poesia, e uma vez que já nasceram prescritos para as rimas e regrinhas desiguais, induzi-los e acostumá-los a atenasarem, o menos que possam, o ouvido, o bom gosto, e o bom senso ao seu proximo que nem lhe fez mal, nem tem culpa do seu fadario".

Assim escreve Castilho no topo do prefacio ao seu tratado de metrificacão portuguesa que apareceu aí por volta de 1867. Como se vê, dura tem sido a existencia dos metrificadores. Depois disso, poucos tratados bobre o assunto tem surgido. Há uma meia duzia deles, o quanto basta para o consumo do mundo. Com o advento do verso liberado, depois com o verso livre, naturalmente a serventia desses compendios de arte poeta caiu muito no apreço dos interessados. E só agora com esse ressurgimento do interesse

pela poesia metrificada e rimada, voltam voltam esses velhos livros esquecidos à consulta cotidiana.

Mas voltam como pessoas que saísem dos túmulos centenários, com a indumentaria de outras épocas, os duros colarinhos engomados, os respeitáveis punhos, a venerável serenidade de longas barbas simbolizando a intransigência daquela ingenua crença num absoluto, ponto e referência para todas as coisas. Seja como for e ainda tratando do velho Castilho, quanta página saborosa ele nos legou, e como devemos aproveitar o rigor de seus ensinamentos na contagem das sílabas métricas e na escolha paciente e demorada das rimas.

Vejam esta página do mestre venerando sobre a cacofonia dos versos:

"De três sortes pode ser a cacofonia: de torpeza, de imundície, e de simples desagradado. Torpeza quando as extremidades convizinhas de duas palavras produzem um vocabulo indecente. Ex.: Alma minha gentil que te partiste. Imundície, quando de igual reunião, provem um termo repugnante em conversa de pessoas delicadas. Ex.: Em Meca cada qual se apresentava. E será ainda visto deste genero o só fazer lembrar palavra indecorosa. Ex.: Tens-me já dado amor bastantes penas."

Como era exigente o mestre que escrevia entre as arvores do Tibur de S. Francisco de Paula, lá pelas voltas de 1865, num agosto melancólico que já despira as romanzeiras pelos vales próximos...